

Foucault e educação: as práticas de poder e a escola atual

Caroline Caciano¹
Giuliana Arboite da Silva²

Resumo: O presente estudo trata de uma pesquisa realizada em escolas de Educação Infantil no Município de Capão da Canoa e Osório, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul e busca, através de observações analisadas, perspectivas do teórico Michel Foucault que permanecem embasando as práticas educativas dos dias atuais. Através deste estudo pretende-se analisar as contribuições do pensamento de Foucault na resolução das problemáticas da educação na atualidade. Foucault, um crítico da instituição escolar, é base fundamental para analisar, diagnosticar o nosso presente, propondo abordagens inovadoras para entender as instituições e os sistemas de pensamento.

Palavras-chave: educação – escola - práticas de poder - Michel Foucault.

Abstract: The present study is a survey conducted in early childhood education schools in the municipality of Capão da Canoa and Osório, on the northern coast of Rio Grande do Sul and search, through observations analyzed, theoretical perspectives Michel Foucault that remain the demotic Assembly, educational practices of the present day. Through this study aims to analyze the contributions of Foucault's thought in the resolution of the problems of education today. Foucault, a critic of the school institution, is a fundamental basis to analyze, diagnose our present, proposing innovative approaches to understand the institutions and systems thinking.

Keywords: education – school - practice to power - Michel Foucault.

Introdução

O presente artigo visa apresentar as principais contribuições do pensamento do filósofo Michel Foucault comparando-as com as problemáticas da educação na atualidade. Foucault, um crítico da instituição escolar, é base fundamental para analisar, diagnosticar o nosso presente, propondo abordagens inovadoras para entender as instituições e os sistemas de pensamento.

Sendo a escola, uma das instituições de discurso de verdade e poder, mencionada por Foucault, busca-se fazer uma comparativa de suas principais ideias com questões educacionais vividas nas escolas no tempo presente, tendo como base as observações feitas em escolas de Educação Infantil.

¹Acadêmica do sexto semestre do Curso de Pedagogia, da Faculdade Cenecista de Osório – FACOS, orientada pela Professora Ana Fausta Borghetti, responsável pela disciplina de Epistemologia da Educação.

²Acadêmica do quarto semestre do Curso de Pedagogia, da Faculdade Cenecista de Osório – FACOS, orientada pela Professora Ana Fausta Borghetti, responsável pela disciplina de Epistemologia da Educação.

Para o enriquecimento da pesquisa serão considerados estudos anteriores acerca deste assunto e também a análise das observações de sala de aula.

Michel Foucault: breve bibliografia

Paul Michel Foucault nasceu em 1926 em Poitiers, no sul da França, em uma tradicional família de médicos. Aos 20 anos foi estudar psicologia e filosofia na École Normale Supérieure, em Paris, obteve o diploma em psicopatologia em 1952, passando a lecionar na Universidade de Lille. Dois anos mais tarde, publicou o primeiro livro, *Doença Mental e Personalidade*.

Em 1961, defendeu a tese que deu origem ao livro 'A História da Loucura' na Universidade Sorbonne. Em meados dos anos 1960, sua obra começou a repercutir fora dos círculos acadêmicos. Lecionou entre 1968 e 1969 na Universidade de Vincennes e em seguida assumiu a cadeira de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, alternando grandes pesquisas com longos períodos no exterior. A partir dos anos 1970, militou no Grupo de Informações sobre Prisões.

A obra de Foucault caminhou livremente entre os campos dos saberes. Seu objetivo era conhecer o sujeito. Suas pesquisas buscavam responder: Como, quando e por que os sujeitos são constituídos? A educação, contudo, não foi o foco de suas pesquisas. Daí a pergunta: Como fazer a articulação entre Foucault e a educação? Sabe-se que qualquer pedagogia tem como elemento central o sujeito e é aí que se insere os estudos de Foucault. É em uma análise minuciosa do sujeito que Foucault apresenta uma nova perspectiva para a educação.

O filósofo morreu de AIDS, em 1984.

Foucault e a educação: verdades e poderes

Foucault por meio de uma análise histórica e inovadora viu no exército, nas fábricas, nas prisões, nos asilos e nas escolas da Idade Moderna atitudes de vigilância e

adestramento do corpo e da mente do sujeito, surgindo então à concepção do homem como um objeto, capaz de ser moldado, dando às instituições a possibilidade de modificá-lo. Para esse autor, o corpo, nestas instituições, é visto como um objeto, capaz de ser domesticado, “adestrado” a partir de normas e punições, para que assim todos exerçam suas tarefas como bons cidadãos evitando infringir as normas estabelecidas pelo Poder.

É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas. (FOUCAULT, 1999, p. 42)

Esse modelo de disciplina tem uma função econômica e política permitindo gerar lucros com o trabalho humano, mecânico, tirando o máximo de forças individuais de cada um, permitindo controlar grandes massas humanas com o discurso de verdade, a fim de formar um sujeito submisso e disciplinado, que não fuja das normas impostas pelo Estado.

[...] nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, p.119).

Um crítico da instituição escolar, Foucault ressalta que nas escolas a disciplina é moldada a partir de uma distribuição dos indivíduos no espaço utilizando técnicas para obter um sujeito cada vez mais submisso.

Essa disciplina é antiga, começou há muito tempo nos colégios medievais, mas foi a partir do século XVIII que ela foi refinada expandindo-se para escolas, para o exército, os hospitais e, no século XIX, para as fábricas.

O controle dos corpos e dos movimentos, como em uma máquina com rapidez e agilidade, com o melhor desempenho possível, sem imprevistos e com eficácia é presente nas organizações escolares dos séculos XVIII e XIX, e são vistas como escolas – modelos.

A organização da escola é planejada a fim de garantir esta disciplina: a disposição das classes (fileiras umas atrás das outras para o melhor controle do professor -

“manter a disciplina” e “garantir a ordem”); a substituição da tábua do fundo das classes por uma grade a fim de garantir a limpeza e facilitar aos professores o controle para que nada possa escapar do seu olhar, são alguns exemplos.

A escola se torna um aparelho para aprender, no qual o aluno, o nível e a série devem ser combinados adequadamente, assim Foucault analisa todo o processo escolar: os exercícios como uma forma de empregar tempo; as classes para articular os gestos e a postura para ler, escrever, recitar; os horários, atribuições de tarefas com certa duração e ordem.

Foucault indaga também a técnica alfabetizadora das escolas, começando por letras, sílabas, palavras [...] atividades repetidas ao longo do dia, mês, ano que podem ser cobradas tanto para aprovação dos alunos quanto para reprovar, castigar ou premiar.

Gráficos, boletins, relatórios, relatos clínicos, são formas de observação do indivíduo, para a extração de uma verdade. O corpo da criança se torna objeto de *manipulação e condicionamento*. Tudo o que foge da norma deve ser corrigido e punido. Mecanismos para ajustar o aluno funcionam nas instituições simultaneamente, como às filas, classes, horários; e como operadores pedagógicos os testes, o treinamento de habilidades, a avaliação das capacidades. Forma-se um tipo de saber que permite rotular os alunos como: “o problemático”, “o indisciplinado”; ou então um saber que o qualifica, o valoriza.

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível. (Foucault, 1977, p. 164-165)

A prática em observação: a realidade hoje

Antes de relatar as observações realizadas nas escolas de educação infantil, cabe ressaltar um dos pontos centrais dos estudos do filósofo Michel Foucault: *o sujeito*, o qual define como algo construído pela sociedade. Para a pedagogia este mesmo sujeito é algo previamente estabelecido, todo ser já nasce sujeito é precisa ser moldado, educado. Percebe-se então, que o que ambos tem em comum, Foucault e a Pedagogia, é a perspectiva que somente com a educação que se pode fazer diferente e melhor.

Pensando assim, a questão da 'rotina' presente nas escolas, é um dos pontos em que o estudo deste filósofo é relacionado em nossas práticas pedagógicas.

Faz-se necessário aqui uma reflexão sobre a importância da existência desta 'rotina' no ambiente escolar. A rotina é uma categoria pedagógica elaborada principalmente pelos responsáveis pela Educação Infantil, gestores e professores, mas também, em alguns casos, com a ajuda das crianças afim de melhor desenvolver os trabalhos cotidianos nas instituições de ensino. Sua importância se dá a partir da organização do trabalho pedagógico dos educadores e a proposta da ação educativa desses profissionais.

A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e a situações de aprendizagens orientadas. (BRASIL, V.1, 1998, p.54)

Em umas das escolas observadas, a rotina das crianças não foi o que mais chamou a atenção, pois se constituía dos mesmos fazeres de outras escolas de educação infantil. O que mais nos fez refletir partindo das concepções de Foucault foi observar as crianças (maternal e berçário) trancadas em "cercadinhos". Talvez o relato a seguir possa parecer um pouco intransigente, mas desta mesma forma as crianças podem se sentir nestes espaços.

A escola observada está instalada em uma casa alugada temporariamente. Possui quatro salas de aula, dois banheiros, sendo um para os alunos e outro para os funcionários, uma cozinha, e um espaço onde se encontram a máquina de lavar

roupa e um tanque, e é neste mesmo espaço que as crianças do Maternal II, em duas mesas pequenas, comem. O Berçário I come em cadeirões e/ou em tapetes da sala, devido a quantidade de criança e a falta de cadeirões. Já os alunos do Maternal I comem em uma área em frente à sala e os alunos do Berçário II comem em sua sala, onde contam com uma pequena área. O pátio da escola é amplo, porém não é utilizado por todas as turmas, apenas o Maternal II tem um horário livre neste espaço que conta com dois escorregadores e vários cavalinhos de plástico. Na secretária ficam todos os materiais escolares, livros pontos, documentos além da mesa da Diretora e da Vice-diretora e é por este espaço que as crianças e os pais tem acesso a escola.

A sala observada possui televisão e DVD (segundo a professora titular, são empréstimo de uma monitora), brinquedos (em estado precário), os livros e os CDs infantis ficam na secretaria, possui um número bem pequeno de materiais.

Com essa breve descrição, fica melhor de visualizar o espaço que iremos transcrever. Notemos a importância do espaço escolar sob o olhar de Galardini e Giovannini *in* Edwards e Gardini:

A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração, fazê-la sentir-se parte integrante do ambiente e dar-lhe uma sensação de bem-estar. (2002, p. 118)

Ao observar e participar da rotina dessas turmas percebemos que apenas a hora do sono é feita dentro da sala, todas as outras atividades (higiene, alimentação, recreação, vídeos, etc) são realizados no mesmo ambiente, dentro de “cercadinhos” em uma área coberta.

Talvez um dos fatores que merece maior destaque ainda nesta mesma linha de descrição, é o fato de ao invés das crianças irem até os brinquedos, escorregador e cavalinhos, na rua, estes são levados até as elas, dentro dos cercadinhos.

Todo o fundamento de sair de um espaço, e vivenciar outro, principalmente quando se tratando de movimentos corporais, exploração de novas habilidades, desejo de

descobertas; talvez não tenha a mesma sintonia neste espaço que todos os dias, fazem as mesmas coisas, das mesmas formas e no mesmo lugar.

Depois de acordar, mamar. Depois de mamar, sorrir. Depois de sorrir, cantar. Depois de cantar, comer. Depois de comer, brincar. Depois de brincar, pular. Depois de pular, cair. Depois de cair, chorar. Depois de chorar, falar. Depois de falar, correr. Depois de correr, parar. Depois de parar, ninar. Depois de ninar, dormir. Depois de dormir, sonhar. (PERES; TATIT, e DEARDYK, 2006, pg.167)

Nas rotinas estão dois grandes grupos de atividades. Um deles são as práticas que se constituem de momentos de socialização como a hora da entrada, do recreio e da saída e o outro grupo estão às atividades consideradas pedagógicas. Em todas as realidades, encontramos “a hora de”, ou seja, a rotina é dividida em momentos (a hora da rodinha, a hora do lanche, a hora do pátio, a hora de atividade).

Considerando as idéias de poder citadas por Foucault pensamos: Será que todas essas horas, foram pensadas e refletidas sobre a sua real importância, ou servem apenas para controlar os sujeitos neste espaço educacional de acordo com os padrões organizacionais? Perguntamo-nos também se esta rotina na educação infantil é realmente o instrumento para organização institucional da pedagogia ou de regulação das subjetividades dos seus sujeitos?

Em sua função como organizadora e modeladora dos sujeitos, a rotina diária na educação infantil segue um padrão fixo e universal na sua formulação, na sua estrutura e no modo de ser representada. (BARBOSA, 2006, pg. 177)

A “cadeirinha do pensamento” assim chamada pelos próprios educadores é outro fator que podemos relacionar com as ideias de Foucault. Aquele aluno que não se enquadre na organização, no comportamento ou até mesmo na forma de brincar ou de correr “adequado” é colocado nesta cadeira para “pensar nos seus atos”.

Não é de intuito abordar aqui todas as circunstâncias que o profissional desta área enfrenta por muitas vezes, com determinados alunos, mas sabemos que muitas atitudes não são válidas para que as crianças percebam de que forma estão agindo.

Colocar sentado “para pensar sobre o que fez”, talvez não seja o que mais chame a atenção, mas da forma como isso é imposta para a turma e a idade de que estamos tratando, o Maternal I recebe crianças com menos de 3 anos, que neste “castigo

para pensar” são colocadas em uma cadeira no corredor, sozinha. Ai, indagamos: Estamos falando de uma atitude perante um comportamento ou de uma relação de poder entre os sujeitos? Desta forma procuramos analisar a situação e pensar como essa realidade é presente nas relações entre aluno e professor.

Em todas as observações, certas falas de profissionais nos chamaram a atenção. Uma delas foi ao receber brinquedos novos, a professora pede permissão para a Diretora para dar os brinquedos que recebeu para uma outra turma, argumentando: “Eles não sabem brincar. Quebram!” diante desta fala a Diretora questiona: “Então eles nunca vão poder brincar com brinquedos diferentes?” e a professora respondeu: “Não, com nós três não!” se referindo as três profissionais que atuam na turma.

A Diretora havia questionado anteriormente se elas já haviam sentado com eles, ensinando-os a brincar, a professora disse que sim, que já haviam feito isso, porém “não adiantava, eles não sabiam brincar”.

Estas falas nos fazem pensar no mesmo questionamento da Diretora, se elas haviam ensinado as crianças a brincar, se elas pararam para sentar com as crianças e explicar cada brinquedo novo. Afinal é uma novidade para eles, diante de tantos brinquedos velhos, iguais todos os dias. Esta mesma reflexão é feita pela autora Dornelles (2001, pg.101).

É comum ouvirmos queixas de pais, mães e educadores/ as que as crianças hoje em dia não sabem mais brincar. Dizem que na hora do recreio, principalmente, só correm e brigam. Pergunto: quem para e brinca hoje com as crianças? Quem as ensina a brincar?

Como as crianças não saberiam brincar? Será que esses argumentos não estariam relacionados ao fato de as crianças apresentarem, diante dos materiais novos, um comportamento que saia do controle dos educadores? Por isso, é mais fácil negá-los o direito de brincar do que passar por esta situação?

[...] os educadores têm preferência por realizar trabalhos dirigidos, feitos individualmente, não preveem espaços para tarefas coletivas e têm dificuldades de orientar seu trabalho para escolhas feitas pelas crianças sem uma constante vigilância e ordenamento. Na verdade, há uma intencionalidade de quem organiza os espaços, pensados principalmente

para que todas as atividades girem em torno do adulto. (HORN, 2001, pg. 24)

Em outra escola observada, é notório algumas formas de poder afim de “manter a ordem”. A escola é pequena, possui três salas, um refeitório, uma cozinha, uma sala de TV, dois banheiros (funcionários e alunos), a sala da direção, uma área coberta com brinquedos de plástico (escorregador e cavalinhos), e um pátio amplo com pracinha de madeira.

O que nos remete aos pensamentos de Michel Foucault, não necessariamente é a estrutura física da escola, mas sim a forma como ela é utilizada; a sala de TV tem um horário pré-estabelecido, lá existem normas: não pode conversar e não pode ficar de pé. Mecanismos que identificam o poder de controle. A área coberta pode ser utilizada respeitando as regras conforme os horários; em partes do dia as regras são mais rígidas, por ser uma escola pequena e a rotina das turmas não ser igual, o horário que uma turma dorme, por exemplo, difere da outra. Portanto, no horário do sono do Berçário I, as outras duas turmas não podem bater, gritar ou fazer qualquer outro tipo de barulho que atrapalhe o sono dos demais.

Agora, paremos para pensar, como usar uma área que dispõe de brinquedos e diversão para uma turma de Berçário II (1 a 2 anos) e Maternal I (2 a 3 anos) exigindo-lhes silêncio e ordem?

Essas são perguntas que nos fazem refletir sobre o real papel destas instituições. Michel Foucault foi um crítico das instituições de ensino e de todas as outras instituições que usam a ordem, a disciplina e o poder afim de “criar” corpos dóceis. E, é a partir de suas ideias, que podemos pensar em novos meios de executar as práticas pedagógicas de uma maneira, não melhor, mas diferente e eficaz.

Considerações finais

Ao finalizar nossas reflexões, diante das observações realizadas nas escolas, percebemos como em nossas práticas pedagógicas estão enraizados muitos dos principais estudos Foucaultianos. Desde a estrutura, o espaço físico, a disposição

dos mobiliários, dos brinquedos e até mesmo das crianças no ambiente, demonstram como essa relação de poder entre os sujeitos é muito presente na Escola.

Hoje, sabemos dos principais problemas que o profissional da educação enfrenta com os alunos. Mesmo diante de tantas mudanças, no sentido comportamental, devemos repensar muitas de nossas atitudes enquanto profissionais, percebendo que os educandos já não são mais como antigamente, sua geração é outra, sendo assim seus interesses e atitudes também serão.

Talvez se a relação aluno/professor fosse vista como uma relação de aprendizagem, que engloba amizade, criação, afeto, saber e aprender, não faria com que o PODER do professor fosse destruído, acabado, mas haveria o respeito, o desejo de aprender e trocar experiências. A forma como utilizamos o poder é que precisa ser repensada.

Referências

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força**: rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998. vol.1 e 2.

DORNELLES, Leni Vieira. Na Escola Infantil todo Mundo Brinca se Você Brinca. *In*: CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil**: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

GALARDINI, Annalia; GIOVANNINI, Donatella. Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 117-131.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.